

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

BREJON, Moysés. *Racionalização do ensino industrial* (resultados de uma pesquisa) Boletim n.º 273 - Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada n.º 6. São Paulo, Brasil, 1962*

O presente trabalho compreende a tese de doutoramento do autor, que é membro docente de uma das mais importantes escolas industriais de São Paulo, a "Escola Técnica Getúlio Vargas".

Enfoca com maestria os problemas e perspectivas do ensino industrial de três escolas do Estado bandeirante - "Escola Técnica Getúlio Vargas", "Escola Técnica de São Paulo" e "Escola Técnica Antártica". Seu significado e sua problemática, conquanto de restrição de âmbito, podem estender-se a todas as escolas congêneres brasileiras, pois a amostragem é significativa e recente.

Foi nos anos de 1958 e 59 que o autor procedeu, junto com uma equipe de dez auxiliares da Universidade de São Paulo, à coleta de dados de 1.019 alunos, entre aprovados e reprovados, das três escolas supramencionadas, visando a considerar a situação real do ensino industrial básico e as causas que dificultam seu rendimento e desenvolvimento.

Houve-se bem o autor em sua tarefa. Com sofreguidão e crescente interesse percorre o leitor os quatro capítulos de que é constituído o livro-boletim, num total de 210 páginas. A essas segue-se um anexo de 117 páginas em que Moysés Brejon oferece ao estudioso excertos e decretos atinentes à legislação sobre o ensino técnico, industrial e comercial do país.

Nada foge à perspicácia do autor que, nesta obra, demonstra clareza, objetividade, conhecimento profundo e crítica acertada dos problemas que se propôs tratar.

Examinemos, sucintamente, embora, em separado, cada um dos capítulos da obra.

O primeiro mostra-nos os resultados dos exames vestibulares e matrículas nas três escolas em tela. No ano de 1959, apenas 376 dos 1.019 alunos inscritos

* Resenha publicada in: CORREIO, Porto Alegre, Centro Regional de Pesquisas Educa-
cionais do Rio Grande do Sul, 4 (34): 65-68, jul/ago, 1963.

lograram aprovação, o que traduzido em porcentagem significa 38,7% de alunos habilitados a ingressarem nas escolas. Por este fato alarmante o autor responsabiliza a deficiência de preparo no estágio anterior, que é o ensino primário. Donde inferimos que Brejon não analisa tão somente a situação da escola industrial isoladamente, mas penetra os problemas até sua raiz. Entros-a-os uns com os outros na razão de causa e efeito. Quantifica em números comparativos seu estudo. Tira conclusões acertadas e, por vezes, assustadoras. Não há, no livro, asserções infundadas. Todas apoiam-se em tabelas numéricas que somam 54. Demais, são secundadas por abundante bibliografia em diversos idiomas.

Moysés Brejon lança as barras mais longe. Os dados, por si mesmos, são eloqüentes. De 1950-1959, as matrículas do ensino secundário, do total de 406920 elevaram-se a 794.690, em todo o Brasil. À mesma época, no ensino industrial, de 19.436 passaram a 22.312, não correspondendo, evidentemente, à constante procura de mão-de-obra especializada de nossas indústrias surgentes. A situação, neste ramo de ensino, ao invés de melhorar, agravou-se, mormente se considerarmos o aumento demográfico de nossa pátria. Obedecendo à objetividade que caracteriza seu trabalho, cita o autor as seguintes palavras da revista CAPES, nº 18 de 1954, e fá-las suas: "Supõe-se que existem presentemente em serviço, nas indústrias de fabricação de veículos e auto-peças, 20 mil profissionais qualificados e semi-qualificados, mas serão necessários 100 mil (apenas para São Paulo) nos próximos três anos".

E, de imediato, analisa as causas do pequeno desenvolvimento do ensino industrial. Uma delas, no dizer de Clóvis Salgado, é o prestígio tradicional dos estudos acadêmicos que conduzem à escola superior, máximo grau da escala social. Outra, a falta de material e de instalações adequadas na grande maioria dos estabelecimentos de ensino industrial.

A seguir, no capítulo II, desfilam ante o leitor as características dos candidatos às escolas industriais.

Primeiro, apresenta-nos uma classificação sócio-econômica da lavra de Juarez Brandão Lopes. Nela fundamentados valemos dizer que 73,3% dos alunos das escolas industriais pertencem à classe mais modesta, isto é, à que reúne trabalhadores manuais e outros de humilde condição sócio-econômica. Para completar seu estudo, traça-nos o autor a ocupação dos pais, num paralelo interessante entre os progenitores de ginásianos e de estudantes industriais. A seguir, aborda, entre outros, o problema da nacionalidade dos alunos. Verifi-

camos, então, a grande proporção de filhos de imigrantes estrangeiros, ao menos em São Paulo, que vão à procura do ensino profissional. Dentre eles relevam os filhos de japoneses.

A escolha ocupacional dos candidatos constitui o assunto do capítulo III.

A verdade é que os candidatos, em sua grande maioria, vão à escola industrial já com vistas a uma determinada profissão e não a qualquer profissão. O primeiro lugar, nas preferências, ocupa a mecânica. Em ordem decrescente segue a profissão de torneiro mecânico e, em terceiro, a de eletricitista. Note-se que o curso de mecânico de automóveis só é mantido em duas das vinte e três escolas da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial.

Tal unilateralidade é devida à falta de serviços de orientação profissional eficientes. Com efeito, o aluno, aos doze anos, (a idade média dos alunos do ensino profissional é de 13,3 anos) ainda não está apto a escolher, com segurança e em caráter definitivo, a profissão que seguirá pela vida em fora. A orientação profissional cabe, como diz o termo, orientar e não, como sucede muitas vezes, encaminhar o aluno para uma direção que lhe contraria as aptidões e a inclinação, verbalmente demonstrada. Daí a causa de muitos alunos, durante o curso abandonarem a primeira escolha e optarem por outra.

Ampliação dos cursos de mecânica, informações sobre o valor real dos demais cursos e aprimoramento da formação do pessoal de orientação profissional — eis os remédios apontados pelo autor para solucionar os problemas.

O último capítulo é dedicado ao estudo dos candidatos aprovados. Depois de estudar a classe ocupacional dos pais dos candidatos aprovados, detém-se Moysés Brejon para mostrar que a reprovação, nas três escolas em tela, verificase no grupo das disciplinas de cultura geral e não de cultura técnica, o que vem depor contra a falta de equilíbrio e harmonia entre uma e outra atividade.

Muitos alunos possuem em casa o tempo e os recursos para preparar as matérias exigidas em aula. Pelo que vai conectado com isto o problema das bolsas de estudo distribuídas nas escolas industriais. O ensino industrial, por assim dizer, até o presente, ficou obliterado e, quantitativamente, minimizado. Este fator de ordem econômica, acrescido ao desânimo em vista das reprovações, à falta de assistência aos alunos no que tange à orientação profissional, à insatisfação com o curso industrial, à impossibilidade de frequentar o curso

preferido, forma o cortejo deprimente que acompanha o aluno frustrado ao abandonar a escola antes de concluir os estudos. Do que se depreende a necessidade de atender aos desejos dos alunos, reorganizando as escolas industriais, despertando o interesse de um maior número de candidatos com acento na dignificação do trabalho manual que, entre nós, a exemplo dos antigos gregos, é depreciado e tido em pouca conta. Para elevar a opinião sobre o trabalho manual, nada mais útil e proveitoso do que conferências de pessoas categorizadas, visitas a estabelecimentos industriais, projeção de filmes, leitura de livros e revistas.

Concluamos. O livro de Moysés Brejon, em seu estilo simples, transparente e objetivo, constitui um brado de alerta da incipiente industrialização de nosso país. É, também, um brado de socorro à administração pública e às autoridades competentes no sentido de tomarem consciência dos problemas aqui apresentados — conhecimento da estrutura interna das escolas industriais, seus métodos de trabalho, racionalização das atividades, a fim de resolvê-los em tempo.

R. Ullmann.

MOTTA, Fernando C. Prestes. *Burocracia e Autogestão*: a proposta de Proudhon. São Paulo, Brasiliense, 1981.

Vivemos em uma sociedade que valoriza a hierarquia, a disciplina e a obediência. A burocracia é uma marca registrada das atuais organizações e instituições em geral. Burocracia, disciplina, hierarquia e obediência são tidas como necessárias para o bom funcionamento não apenas das empresas, mas também da sociedade como um todo. A harmonia entre dirigentes e dirigidos, planejadores e executores, capital e trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual, proprietários e não proprietários, produtor e consumidor, governantes e governados é encarada como fato natural.

Pensadores houve, no entanto, que ousaram criticar essas formas de organização, denunciando o seu caráter autoritário e propondo, em seu lugar, uma sociedade socialista desburocratizada.